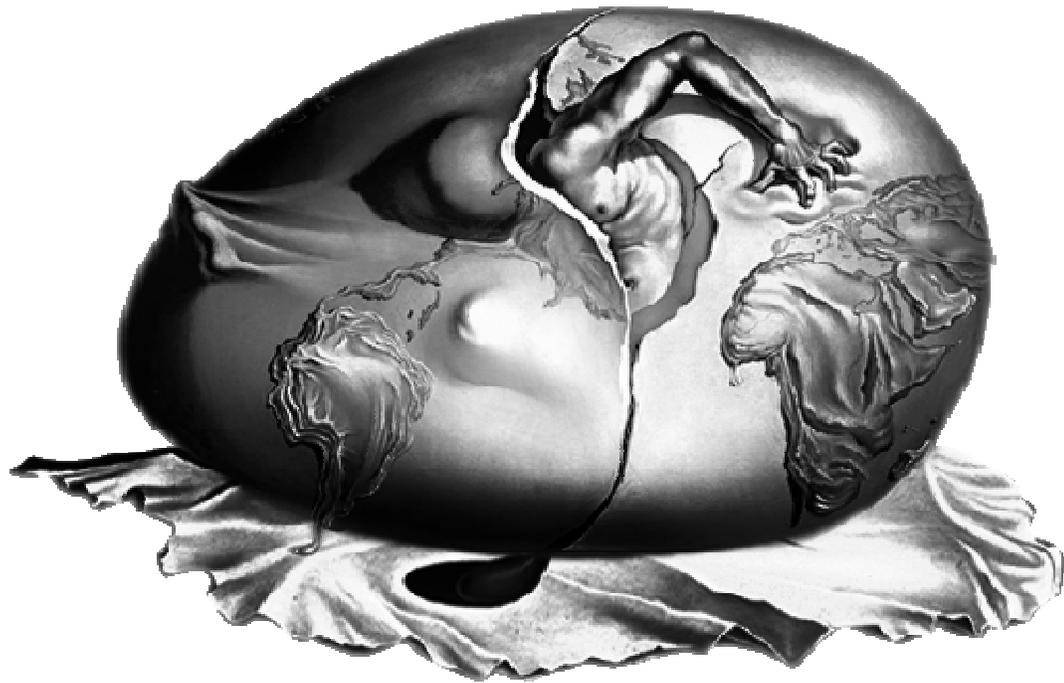


**BOLETIM** ***PRESENÇA***  
ANO II, nº 06, 1995



UNIR

# A COLONIZAÇÃO AGRÍCOLA EM RONDÔNIA

JOSÉ JANUÁRIO AMARAL \*

## Resumo

Apontamos três motivos principais para explicar a situação de degradação em que se encontram as áreas antes repletas de enormes castanheiras, seringueiras e muitas outras espécies extremamente variadas. Primeiramente, um de procedência econômica (uma relativa "valorização" da terra), outro, de caráter tecnológico (tecnologia inadequada à disposição dos colonos). E pôr último o de caráter simbólico, (o colono se tornaria proprietário de um lote de terra com a derrubada da floresta).

**Palavras-Chave:** Tecnologia e Adequação.

## Abstract

We pointed three main reasons to explain the degradation situation in that meet the areas before replete of enormous castanheiras, seringueiras and many other extremely varied species. Firstly, one of economical origin (a relative "valorization" of the earth), other, of technological character (inadequate technology to the colonists' disposition). AND to put last the one of symbolic character, (the colonist would become proprietor of an earth lot with dropped her/it of the forest).

**Key-Words:** Technology and Adaptation.

A imposição dos órgãos governamentais de induzirem os colonos a destruírem a floresta sob o pretexto de transformar Rondônia em um novo

cenário de modernização agrícola no estilo do Centro-Sul do País, também deveria ser principal alicerce de uma sociedade rural próspera. Hoje, acima de tudo esta natureza é vista como degradada por estas práticas inadequadas ao ambiente amazônico. E o melhor exemplo dessa trajetória é a própria “mata”.

Apontamos três motivos principais para explicar a situação de degradação em que se encontram as áreas antes repletas de enormes castanheiras, seringueiras e muitas outras espécies extremamente variadas. Primeiramente, um de procedência econômica (uma relativa “valorização” da terra), outro, de caráter tecnológico (tecnologia inadequada à disposição dos colonos). E pôr último o de caráter simbólico, (o colono se tornaria proprietário de um lote de terra com a derrubada da floresta).

No Projeto Integrado de Colonização Sidney Girão, as atividades dos migrantes nestes vinte anos de colonização agrícola efetivamente proporcionou um empobrecimento e perda das qualidades de fonte farta e sadia de produção de alimentos, instrumentos e produtos para o mercado pela floresta. Em nossa pesquisa de campo verificamos que esta trajetória pode ser assim demonstrada:

1. Envolve a derrubada da mata, para uso intensivo de lavoura branca até o terceiro ano consecutivo. Uma vez que os solos não suportam culturas além deste período, e o colono não dispõe de insumos para recompor as propriedades dos mesmos, o camponês é obrigado a promover nova derrubada da floresta, restando-lhe a opção de abandono da antiga área, ou quando possível, convertê-la em pasto. Existem casos em que nem o pasto consegue êxito. Isso significa um aumento de gastos para com a lavoura e uma constante redução na produtividade.

Não podemos negligenciar o fato de que a posse da terra em Rondônia é estabelecida pelo desmatamento. Esta atividade é reconhecida pelo INCRA como sendo uma benfeitoria. Geralmente a pastagem é abandonada para dar lugar a uma vegetação secundária com pouco ou nenhum “valor” econômico.

Isto porque a produção de capim cai drasticamente até que o custo de controlar a invasão de plantas não comestíveis excede qualquer retorno econômico do gado alimentado pelo pasto. Segundo Fearsnside (1988:12) “os focos de derrubadas têm seu rápido crescimento devido à diferentes processos,

dependendo da localidade em questão. Nas partes da região onde predominam grandes fazendas (...) o desmatamento ocorre principalmente como um meio de garantir as reivindicações de propriedade para propósitos especulativos.”

Nos lotes os colonos poderiam derrubar a floresta até 50% de um total de 100 ha. Verificamos em campo que existe unidades produtivas com mais de 85% da área derrubada, transformada em lavoura branca, pasto e vegetação secundária. A área abandonada dificilmente é retornada para a prática agrícola em virtude do solo não possuir mais suporte de fertilidade. Como o solo perde seus nutrientes o colono é obrigado a derrubar cada vez mais floresta para manter um certo grau de produção. Isto porque falta-lhes tecnologia adequada para a recuperação destas áreas.

2. A alimentação do lugar é, hoje, menos acessível para um consumo diário e diversificado, como, comida camponesa. Um exemplo bastante significativo diz respeito à escassez de caça e de peixe. Com isso a dieta alimentar se alterou muito. Ela se mantém sobre uma base de arroz, de mandioca, carne de porco ou aves, com menos freqüência, o peixe. A carne bovina é muito rara, mesmo encontrando uma série de pequenos rebanhos nos lotes dos colonos. O boi é visto como uma poupança e sinal de prosperidade, para ser abatido só em último caso. Sobre a combinação no prato dos alimentos mais essenciais, o colono vê uma passagem sem retorno do “tempo da fartura” para o “tempo da privação”: “quando nós chegou do Paraná nós comia muita carne de caça: era paca, tatu, cotia, veado, porco do mato, tinha muita ave como nambu. Hoje meu filho, não encontra com facilidade nada disso, os tempo de fartura acabou.” (colono do PIC Sidney Girão, 1992).

Desta maneira, além de modificar as condições naturais de fonte de alimento com os recursos da natureza, a medida que o projeto de colonização ia se “desenvolvendo” ao mesmo tempo ia destruindo fontes naturais de coleta de caça, alimento sempre tido como de importância significativa para grupos que ali residiam como também para os colonos que ali se instalaram.

## BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, J. J. de O. , **O todo é Parte e a Parte é o Todo**. São Paulo, FFLCH, (mimeo), 1990.
- BARP, W., et all, **Estudo Sócio Econômico dos Projetos de Colonização Oficial no Estado de Rondônia**. Porto Velho, UNIR, 1988.
- FEARNSIDE, F. M., **A Ocupação Humana de Rondônia**: impactos, limites e planejamento. Manaus, INPA, 1988.
- TAVARES DOS SANTOS, J. V., As Novas Terras Como Formas de Dominação. In.: **Lua Nova** nº 3, São Paulo,, CEDEC, 1991.

---

**Prof. Ms. do Departamento de Geografia/UNIR**